

# As Cavalhadas de São Pedro



Cavalhadas de São Pedro

Anualmente, no dia de São Pedro Apóstolo, 29 de Junho, na freguesia da Ribeira Seca, à cidade da Ribeira Grande, sai à rua um curioso cortejo equestre, as Cavalhadas de S. Pedro, composto por coloridos cavaleiros que empunham bandeiras com as insígnias do santo, que após o homenagearem junto à igreja de que é padroeiro percorrem em desfilada as principais ruas daquela urbe nortenha.

No seu elenco contam-se um Rei (ou Maioral), ladeado por dois Lanceiros, que abrem o cortejo, seguidos por três Corneiros e pelos vários Cavaleiros, ordenados em duas alas paralelas e em quantidade que varia de ano para ano, e por fim mais dois Lanceiros fechando o grupo. Ligadas aos Impérios do Espírito Santo - cujos Mordomos desfilam próximo do Rei - e também associadas por sincretismo popular ao Príncipe dos Apóstolos, as Cavalhadas são reflexo da religiosidade do povo local, que nelas participa por devoção ou em pagamento de promessa.

Desconhece-se a sua antiguidade, mas se tivermos em conta o vínculo entre as Cavalhadas e as Festas do Espírito Santo, e, ainda, a existência de um Império de S. Pedro fundado em 1671 junto à igreja da Ribeira Seca, podemos adivinhar-lhe raiz secular. Não podemos aqui esquecer que as tradições populares açorianas foram quase todas introduzidas pelos primeiros povoadores, que transpuseram para o ambiente ilhéu os

seus costumes de origem, sendo a existência de Cavalhadas registada, pelo menos até ao séc. XV, de norte a sul do continente português e identificadas como “cortejos para condução de bandeiras ligados a festas religiosas”.

Não existem referências históricas registadas sobre a existência das Cavalhadas antes do séc. XIX. É no jornal ribeirão-grandense *Estrela Oriental*, de 2 de Julho de 1856, que se encontra a primeira notícia escrita sobre elas: “Festividade de S. Pedro - No dia 28 houve arraial (...) no dia seguinte houve missa cantada (...) acabada a função reuniram-se os festeiros da primeira Dominga do Espírito Santo d’aquela freguesia [Ribeira Seca] e Lomba de Santa Bárbara ricamente vestidos, e montados em cavalos com bandeiras do Espírito Santo largas, assim percorrendo as ruas de todas as freguesias d’esta vila [Ribeira Grande]”. A partir daí as menções multiplicam-se, tanto na imprensa como em estudos de cariz etnográfico.

São os trajes que dão às Cavalhadas o seu aspeto colorido. O Rei vai de barbas, vestindo calções vermelhos, camisa branca, gravata vermelha, capa azul debruada de branco e chapéu de dois bicos recamado de flores de lata, segurando na mão uma espada desembainhada. Os Lanceiros de calção vermelho debruado a dourado, camisa branca e chapéu de aba larga decorado com penas, folhas de lata



Rei ou Maioral.



Cavaleiro



Casa da Mafoma

e pimentas vermelhas de tecido, e empunhando uma espada adornada com fitas multicores. Os Corneiros de calção amarelo, capa vermelha debruada de branco e chapéu de dois bicos forrado de amarelo e enfeitado de flores de lata e penachos de papel. Os Cavaleiros de calção branco, debruada a vermelho e rematada com renda na boca; camisa branca, gravata vermelha e faixa de igual cor à tiracolo com a sigla do santo - SP - bordada a branco; chapéu alto preto enfeitado de ouros ou flores de lata; e, na mão direita, uma bandeira vermelha também com a mesma sigla a branco, rematada por lança de lata figurando as chaves do apóstolo. Todos calçam luvas brancas. Os cavalos vão arriados com um lençol bran-

## A Casa da Mafoma

Construída, nos inícios do séc. XIX, por Luís Bernardo de Sousa da Silveira Estrela, coronel de milícias e fidalgo da Casa Real, é um dos mais interessantes exemplares da arquitectura da “época da laranja” existentes na ilha de S. Miguel. Residência estival, com quinta e jardim de recreio anexos, a sua fachada principal desenvolve-se paralela à rua fronteira e organiza-se simetricamente a partir de um corpo central, onde pontuam o portão de acesso à casa e a pedra de armas do seu edificador. O nome Mafoma, antigo termo português pelo qual era conhecido Maomé, será referência às origens muçulmanas do primeiro da Estrela que na ilha houve, trazido do norte de África como refém em pleno séc. XVI, depois liberto e baptizado com o nome de Simão Rodrigues, tendo aqui criado família. ♦

co à laia de xairel, coleira com chocalho ao pescoço e uma flor de papel vistosa entre as orelhas.

Desde 1956, as Cavalhadas - que até então saíam da morada dos Mordomos do Espírito Santo - têm como ponto de partida a Casa da Mafoma, por então a Câmara Municipal da Ribeira Grande ter encarregue a senhora do lugar, D. Maria Mota, de zelar pela boa apresentação dos cavaleiros e do desfile. De seguida estas seguem em embaixada para a paroquial de S. Pedro, onde à porta o Rei declama loas de homenagem ao santo, dando depois com os Cavaleiros sete voltas ao templo, simbólicas de outros tantos dons do Espírito Santo. Dali vão ao centro da Ribeira Grande, junto à antiga Igreja da Misericórdia, cujo orago é o Espírito Santo, dando três voltas ao largo fronteiros em honra da Santíssima Trindade. A partir dos anos 1960, por iniciativa do então Rei, as Cavalhadas também passaram a visitar a Câmara Municipal, onde outras loas são dedicadas ao presidente da edilidade, por vezes expressando algum descontentamento ou reclamação popular. Depois o cortejo continua pelas ruas da Ribeira Grande, terminando de novo junto à Mafoma. ♦

PEDRO PASCOAL  
INSTITUTO CULTURAL DE PONTA DELGADA  
pedro\_pascoal@hotmail.com

PROMOTOR



Governo dos Açores  
PRESIDÊNCIA DO GOVERNO  
Direção Regional da Cultura